

# **IDEOLOGIA: ENSINO DE FILOSOFIA E DIFICULDADES DO PENSAMENTO ANTI-IDEOLÓGICO NA ESCOLA**

Caio Felipe Varela Martins<sup>1</sup>

Universidade Estadual de Paraíba (UEPB)

## **INTRODUÇÃO**

O seguinte texto aborda as dificuldades de uma ensino de filosofia pautado como anti-ideológico, mostrando assim uma forma de ensinar filosofia colocando como principal uma emancipação do ser humano, e não formação de um “cidadão” que deve ser inserido na sociedade, para que possa viver “adequadamente” sem criticidade com a própria. O assunto se torna importante pois problematiza de forma teórica uma situação prática do trabalho como professor. Mostrando a importância para uma práxis do ensino de filosofia que tem o objetivo de libertar os alunos das amarras curriculares da atual educação brasileira.

## **METODOLOGIA**

A metodologia utilizada foi a leitura de texto e observação em escola estadual, no caso a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nenzinha Cunha Lima, podendo ser observado assim a forma com que foi abordada a disciplina de filosofia pelos professores.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Para um maior entendimento do texto a seguir, temos que significar primeiramente o conceito de ideologia, onde usaremos o conceito usado por Karl Marx.

Marx explica a ideologia como conjunto de ideias usado para distorção da realidade, assim, a ideologia é mantida como o pensamento das classes dominantes, que, por dominarem o meio de produção, dominam, ou guiam, também, a produção do pensamento, resumindo, as classes dominantes detém o conhecimento dado como correto em seu contexto de domínio.

Para Marx, a ideologia não se trata apenas de um plano de ideias que formaliza, ou guia o pensamento no contexto da luta de classes, mas também, é

---

1 Graduando do curso de Licenciatura Plena em Filosofia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

uma forma ideal da vivência de mundo, assim, a classe que domina pensa a partir da sua prática de domínio, Marx afirma: “As idéias dominantes nada mais são que a expressão ideal das relações materiais dominantes, as relações materiais dominantes concebidas como idéias; portanto, a expressão das relações que tornam uma classe a classe dominante, as idéias de sua dominação”<sup>2</sup>. Dessa forma, a ideologia leva o ser humano à alienação, principalmente no trabalho, o que o leva à se distanciar da natureza. O ser humano não trabalha mais para ter uma relação com seu produto ou com a forma que usa a natureza para a produção, outrossim, para garantir meios de sobrevivência na sociedade que existe uma classe dominante.

Uma das grandes semeadoras do pensamento dominante, ou da ideologia, é a escola, que inserida no meio de produção capitalista, reproduz o discurso ideológico para uma forma de “educação formadora”, o que a mesma forma é fácil de entender, e estes são os trabalhadores, que pela reprodução do discurso ideológico, continuam sua alienação sem ao menos notarem a mesma, produzindo e reproduzindo (no caso dos professores) produtos provindos da alienação no trabalho.

O papel da ideologia na sociedade é muito grande, por ser a forma guiadora do caminho da sociedade. Já chegou a ser pensado que o caminho para a desvalorização, ou destruição, da ideologia das classes dominantes seria através de uma ideologia de uma classe dominada, como Lênin e outros pensadores afirmaram.

A problemática que trago neste texto é a dificuldade de se livrar da ideologia nas escolas, por serem agentes formadores de “cidadãos” e não emancipadores de seres humanos, o que leva à pensar a filosofia como agente emancipador do ser humano, desfazendo a possibilidade de cair na ideologia da classe dominadora.

Adorno, pensador pós Marx, traz um pensamento que se encaixa no sentido da filosofia pela emancipação do ser, indo de encontro (embate) à ideologia, em seu texto “Educação e emancipação” este mostra sua forma de leitura de mundo para o ensino não-ideológico, pois coloca como principal foco o não reaparecimento da barbárie, pois em seu contexto (pós-Auschwitz) era algo de grande importância.

O não reaparecimento da barbárie se coloca como ponto principal para um ensino não-ideológico, que ao invés de formar “cidadãos” que se encaixem de forma objetiva na sociedade atual, mas que tenham independência intelectual para pensar o mundo e a sociedade de forma crítica.

Para Adorno “A educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma auto-reflexão crítica” (p. 121), mostrando assim a necessidade da escola como agente emancipador, o que na realidade da educação brasileira é algo um pouco difícil porque sai da comodidade do professor em geral, que é tomado como um personagem que tem como seu papel principal levar conhecimentos, ou assuntos, de uma forma metodológica para formar o aluno como um recebedor e reproduzidor de tais assuntos.

No atual contexto da educação brasileira, é difícil para o professor sair do currículo, que entre suas regras, demandam a formação do aluno como cidadão e a transmissão de assuntos preestabelecidos; ver a escola e conceituá-la a partir de sua formação é algo que não demanda tanto trabalho, mas o currículo escolar coloca o professor neste papel de transmissor, a necessidade que temos para estabelecer algo diferente vem de um esforço mútuo e importante, o que não se vê na atualidade. Uma das coisas principais para se ter em mente na escola é a conceituação de ideologia e a importância que se tem de levar os alunos à uma criticidade ao invés de os levá-los a uma reprodução de discurso, em si, isso é um pensamento ideológico, que não se tem a noção no meio pedagógico, levando à continuação da transmissão ideológica de conhecimentos, e se distanciando da necessidade de uma educação que leva à crítica da sociedade e auto-crítica dos próprios alunos como agentes transformadores da sociedade em que vivem.

Como já se percebe no texto, a educação como uma luta contra a ideologia, não se torna apenas algo que muda o próprio contexto escolar, mas sim traz uma mudança política da realidade social, Adorno mostra sua concepção de educação anti-ideológica trazendo essa importância política para a realidade:

A seguir, e assumindo o risco, gostaria de apresentar a minha concepção inicial de educação. Evidentemente não a assim chamada modelagem de pessoas, porque não temos o direito de modelar pessoas a partir do seu exterior; mas também não a mera transmissão de conhecimentos, cuja característica de coisa morta já foi mais do que destacada, mas a produção de uma consciência verdadeira. Isto seria inclusive da maior importância política; sua idéia, se é permitido dizer assim, é uma exigência política. Isto é: uma democracia com o dever de não apenas funcionar, mas operar conforme seu conceito, demanda pessoas emancipadas. Uma democracia efetiva só pode ser imaginada enquanto uma sociedade de quem é

emancipado. (p. 141-142)

Para uma reflexão política é necessário uma reflexão filosófica, no momento em que a posição intelectual está em formação, no caso, a adolescência, onde na atualidade é o momento que toca a filosofia na escola brasileira (do 1º ao 3º ano do ensino médio), este tipo de crítica deve ser levado aos alunos para que se possa mudar a realidade dos seres humanos em processo de transformação, a filosofia levada como crítica à realidade e à sociedade é tida tanto para os professores como para os alunos como algo mais interessante do que a simples transmissão de assuntos de forma histórica, lembrando aqui que a história da filosofia é também necessária para um aprendizado completo da mesma, mas também é importante a emancipação do ser humano, a possibilidade da crítica dentro da escola e até mesmo a crítica do próprio papel da escola na sociedade atual.

Uma trans-formação dos alunos é mais do que simples mudança, mas uma demonstração da própria liberdade e consciência destes, dando a estes a possibilidade de crítica e a consciência da própria consciência como ser-no-mundo político. Para Adorno:

“Em primeiro lugar, a própria organização do mundo em que vivemos e a ideologia dominante — hoje muito pouco parecida com uma determinada visão de mundo ou teoria —, ou seja, a organização do mundo converteu-se a si mesma imediatamente em sua própria ideologia. Ela exerce uma pressão tão imensa sobre as pessoas, que supera toda a educação. Seria efetivamente idealista no sentido ideológico se quiséssemos combater o conceito de emancipação sem levar em conta o peso imensurável do obscurecimento da consciência pelo existente. [...] De um certo modo, emancipação significa o mesmo que conscientização, racionalidade. Mas a realidade sempre é simultaneamente uma comprovação da realidade, e esta envolve continuamente um movimento de adaptação.” (p. 143)

## CONCLUSÃO

A filosofia como libertadora do pensamento ideológico leva o alunado para um patamar diferente de seres inseridos na sociedade, o pensamento acerca da sociedade é algo tido como muito importante para a própria vivência dentro da mesma, sendo assim, o potencial emancipador da filosofia cai como algo de extrema importância para a escola, fugindo do pensamento colocado como certo pelas classes dominantes, e chegando ao pensamento crítico da própria sociedade, como potencial de mudança que parte de dentro da mesma. As dificuldades dentro da escola para uma mudança de posicionamento acerca da filosofia passa por uma reforma curricular da escola atual, e pela vontade dos professores atuais de transformarem-se de transmissores de assuntos para demonstradores da própria emancipação dos seres, e guias para tal emancipação, através da filosofia como

disciplina escolar. A afirmação de si como potencializador da crítica é algo necessário ao professor do Ensino Médio brasileiro, e a partir dessa afirmação, poderá vir a mudança de seus próprios alunos como possíveis críticos da realidade e sociedade atual.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

**Marx, K.; ENGELS, F.** A ideologia alemã. São Paulo, HUCITEC, 1987.

**ADORNO, Theodor W.** Educação e emancipação. Tradução Wolfgang Leo Maar. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

**IASI, Mauro.** Ensaio sobre consciência e emancipação. São Paulo: Expressão Popular, 2007, p. 11 – 87.